

O alerta de Bill Gates

Poucos homens fizeram mais para construir o mundo digital do que Bill Gates. E poucos estão tão preocupados com o que esse mundo está prestes a se tornar. Na quarta-feira, Gates publicou em seu site pessoal um longo ensaio sobre inteligência artificial. Não é a primeira vez que o fundador da Microsoft escreve sobre o tema, mas esse texto tem um tom diferente dos anteriores. Afinal, ele é um dos últimos gênios vivos da era que criou o mundo digital, alguém que já programava computadores aos 13 anos e que passou décadas moldando a tecnologia que hoje usamos. Quando ele escreve sobre o futuro da IA, não está especulando de fora.

O aviso, porém, é grave. No texto, Gates afirma ser otimista, mas o otimismo que descreve é o de quem acredita que um desastre pode ser evitado, não o de quem acha que as coisas vão bem. Ele é explícito: não vê evidências de que líderes, especialistas e comunidades estejam enfrentando os desafios que a inteligência artificial vem impondo à humanidade de forma adequada.

O núcleo do problema, segundo Gates, é a velocidade. Para ele, a IA não vai se comportar como as revoluções tecnológicas anteriores, que levaram gerações para se consolidar e criaram novos empregos enquanto destruíam outros. Desta vez, a tecnologia substitui a cognição humana, e faz isso em todos os setores ao mesmo tempo, em menos de uma década. Os empregos que vão desaparecer primeiro são os de entrada e nível médio. Os novos empregos que surgirão exigirão anos de requalificação. E quem não tiver tempo para se requalificar, como o trabalhador de 55 anos ou o jovem que entra num mercado com menos vagas, simplesmente não terá para onde ir.

O aviso de Bill Gates deveria estar sendo analisado pelo Brasil com urgência. O país que ainda luta para universalizar o ensino médio, que tem milhões de trabalhadores em ocupações informais e que carece de uma política industrial consistente está particularmente exposto ao tipo de choque que Gates descreve. Enquanto países ricos debatem como desacelerar

a adoção da IA para dar tempo aos trabalhadores de se adaptarem, o Brasil ainda não começou a debater o básico: quais setores serão mais afetados, como proteger os mais vulneráveis e qual papel o Estado deve assumir nessa transição. A ausência de um plano é uma escolha, e uma das mais perigosas que um país pode fazer neste momento.

Gates propõe, entre outras ideias, o conceito de “Human Reserved” (reserva humana, em tradução livre), uma espécie de reserva natural para o trabalho humano, em que certas funções seriam deliberadamente protegidas da automação por decisão política e social. O cuidado com idosos, a educação, a saúde mental. Funções em que a presença humana não é apenas eficiente, mas essencial.

É uma ideia atraente, e funcionaria bem em países com capacidade institucional para implementá-la, financiá-la e fiscalizá-la. Para o Brasil, porém, a proposta exige uma honestidade sobre nossas limitações. Implementar uma política de reserva humana pressupõe que o Estado seja capaz de definir quais funções proteger, financiá-las e fiscalizar seu cumprimento. Não é impossível, mas exige um nível de planejamento e coordenação que o país raramente demonstrou em transições econômicas anteriores.

Gates ainda compara o momento atual ao período anterior à pandemia de covid, quando havia alertas claros, tempo para agir e vontade política insuficiente. O resultado daquela omissão foi catastrófico. A diferença, porém, é que a IA não vai durar alguns anos e passar. Ela vai se aprofundar, expandir-se e se tornar mais capaz indefinidamente.

Se o homem que criou a Microsoft, que conhece a tecnologia por dentro e que passou décadas usando sua fortuna para tentar melhorar o mundo diz que não há plano e que o tempo está se esgotando, é razoável concluir que a situação é muito mais séria do que os discursos de cúpulas e conferências sugerem. E que os países que chegarem tarde a essa conversa pagarão um preço que nenhum programa social conseguirá cobrir.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Cansaço ou voto oculto?

A segunda semana da campanha se aproxima do fim com a sensação de que o eleitorado segue distante. Os carros com adesivos e bandeirinhas de candidatos a presidente ainda não apareceram. Quando muito, vemos um ou outro com propaganda de quem está de olho em um cargo no legislativo. Ainda é cedo para se falar em indiferença, mas o sentimento de que o eleitor está falando menos é real. Ou, pelo menos, está revelando menos aquilo que pensa. E a partir de hoje, com o início do horário eleitoral no rádio e na televisão, candidatos e partidos terão mais um instrumento para tentar conseguir o tão sonhado voto.

O primeiro ponto é tentar entender esse silêncio eleitoral. É indecisão, desinteresse ou apenas o reflexo de um eleitorado cansado de uma disputa política marcada pela polarização? O primeiro ponto a entender é que não se trata de um fenômeno simples. A ciência política trata há décadas do chamado voto envergonhado, quando o cidadão esconde sua preferência por receio da reação de outras pessoas. Há também situações em que o eleitor simplesmente não quer responder a uma pesquisa. São comportamentos diferentes e que não podem ser confundidos.

No Brasil, a experiência recente mostra que é preciso cautela antes de atribuir toda surpresa eleitoral ao voto oculto. Em 2018, desempenhos eleitorais muito acima das pesquisas, como os de Wilson Witzel no Rio de Janeiro e Romeu Zema em Minas Gerais, foram associados, inicialmente, à ideia de que os eleitores teriam escondido as preferências. Análises posteriores apontaram outro fenômeno: uma forte migração de votos nos últimos dias da campanha.

Em 2022, pesquisas da Quaest ajudaram a relativizar a tese do voto envergonhado. No caso de

Jair Bolsonaro, a diferença entre a declaração direta e a estimativa obtida por uma metodologia indireta foi praticamente inexistente. Para Luiz Inácio Lula da Silva, houve uma pequena subnotificação. O dado mais interessante, porém, estava no motivo apontado para esse comportamento: em determinados ambientes, o eleitor preferia evitar conflitos.

É aí que o tema merece atenção. A polarização transformou a política em assunto delicado entre familiares, amigos e colegas de trabalho. Declarar um candidato pode significar, para algumas pessoas, abrir uma discussão que elas preferem evitar. Muitas vezes, o eleitor está convencido do voto e, ainda assim, opta pelo silêncio. Existe também a apatia. Depois de anos de confrontos políticos intensos, parte da sociedade parece menos disposta a acompanhar cada movimento de uma campanha. O excesso de informação, nesse caso, produz o efeito contrário ao desejado pelos candidatos. Em vez de mobilizar, cansa.

O horário eleitoral entra nesse ambiente com uma característica importante: já não tem mais as superproduções de outras épocas. Boa parte da verba passou a ser destinada para a campanha nas redes sociais, onde a geração de conteúdo é permanente e a disputa pela atenção é brutal. Ainda assim, as inserções diárias podem ter papel relevante. São apenas 30 segundos capazes de prender a atenção.

Por fim, o comportamento silencioso do eleitor também deve servir de alerta aos candidatos. Há uma diferença entre um cidadão que não decidiu e outro que prefere não contar. As pesquisas continuarão sendo importantes para compreender o cenário. Mas não conseguem medir tudo. O silêncio também é uma informação, embora seja uma das mais difíceis de interpretar. E não é só na política.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Sem benefício

Enorme injustiça e equívoco! Os deficientes auditivos graves têm direito a isenção do IPI pelo governo federal, apesar de muito burocrático e exaustivo o processo. Mas, infelizmente, no DF, o governo entende que esses deficientes não são deficientes... Isso mesmo, no âmbito federal, com lei federal, somos deficientes, mas no GDF não somos! Vejam a prioridade que o governo, MP e Legislativo local dão aos deficientes. Mas uma carga tributária, a maior do país, que chega a tributar remédios, combustíveis, alimentos básicos de 25% até 35% de alíquota, inúmeras taxas ilegais, inclusive no Detran, nos extorquem para sustentar uma máquina inchada de cargos de confiança e totalmente ineficiente, em que a corrupção virou normalidade! De um lado, um Estado que suga nosso sangue, oferece uma saúde pública péssima, onde os postos de saúde fecham para almoço, escola pública que nada ensina e policiais que não vão às ruas, um Estado perdulário, ineficiente! Por outro lado, um Estado que trata mal sua população, em especial os deficientes físicos e aqueles que precisam do Estado. É crueldade demais! A passividade do MP, TCDF, legislativo impressionam....

» **Helio Silva Santos,**
Asa Norte

Responsabilidade

O eleitor precisa ter muita responsabilidade na hora de votar neste ano. Nosso país está superando a pior crise de sua história e não pode embarcar em uma aventura qualquer no próximo ano. A gente precisa de gestores competentes e com experiência. Não estamos em fase de testar ninguém. Economia não é brincadeira e não pode ser terceirizada.

» **José Ribamar Pinheiro Filho,**
Asa Norte

Recado

Ronaldo Caiado, votei em você no primeiro turno nas eleições de 1989. E hoje, passados 36 anos, vou ter que votar em você novamente, para não ter que votar no homem da rachadinha e do *Dark Horse*. Mas saia dessa de querer dar anistia aos badenerios do 8 de Janeiro, pois isso está irritando os verdadeiros eleitores da direita. Você está dando um tiro no pé, defendendo essa tese de anistia bolsonarista, pois está se igualando a eles. Pense bem.

» **Paulo Molina Prates,**
Asa Norte.

Acorda, ministro!

No Brasil da impunidade, da corrupção, da insegurança jurídica e da economia fragilizada, Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, é um dos favorecidos na tanga aos indefesos aposentados. O ministro do STF que conduz o processo, André Mendonça, quer manter o processo com ele, contra a vontade dos amigos do Lulinha, que querem que aconteça nas instâncias inferiores. Acorda, Mendonça! Qualquer que seja a pena que imponha ao filho do presidente Lula, será facilmente anulada pelos próprios ministros do STF. Muito mais fácil do que quando atropelaram a Operação Lava-Jato devido ao CEP. Desta vez, com base na Constituição,

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Terremotos em série, tsunamis, calor extremo, tornados. O chamado ponto de não retorno da Terra já chegou. O planeta está acabando, resta admitir.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Colapso glacial: os negacionistas climáticos não enxergam “Nepal”...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

Senhores secretários do GDF e do governo federal, atenção: evento oficial tem pauta, cerimonial e prestação de contas — palanque eleitoral, não. A lei não costuma rir desse tipo de confusão.

Maria do Carmo Nunes — Sudoeste

pois o Lulinha não dispõe de foro privilegiado. Será, na prática, o que consta no velho adágio: “Aos amigos os favores da lei, aos inimigos os rigores da lei”. E, infelizmente, eles estarão cheios de razão.

» **Humberto Schuwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Negacionismo mortal

Eduardo Bolsonaro, foragido da Justiça brasileira, aparece em vídeo declarando, em cartório nos EUA, que a decisão de vacinar os filhos era de sua inteira responsabilidade. Já Donald Trump decidiu reduzir para 11 o número de vacinas recomendadas no calendário infantil e alterar a forma de aplicação de algumas delas. Flávio Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PL e aliado de Trump, tem Eduardo como principal cabo eleitoral e já acena com ele como futuro ministro das Relações Exteriores. Enquanto os aliados celebram, o sarampo volta a dar as caras: os EUA ultrapassam 2.300 casos, algo não visto desde o início dos anos 1990. No Brasil, são 24 casos em agosto — 23 em São Paulo e um no Rio. Vírus importado, baixa cobertura vacinal e muita ideologia. A receita é conhecida. Só falta combinar quem pagará a conta.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Escândalos

Fábio Luís não é o Lula, tem outro CPF. Ninguém pode ser culpado por crime de terceiro. Mas a direita precisa manter o foco no Lulinha até as eleições para dar palco à extrema-direita e atacar o Lula em favor do Flávio e outros que estão atolados até o pescoço nos escândalos do INSS e Banco Master. Por que o ministro André Mendonça não pediu a quebra dos sigilos do Flávio e outros envolvidos com o Vorcaro?

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp , para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br